



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
sessão de encerramento de encontro empresarial**

Maputo-Moçambique, 16 de outubro de 2008

Felicitó o senhor Armando Emílio Guebuza, presidente de Moçambique,
Meu caro Salimo Abdula, presidente do Conselho da Confederação de
Associações Econômicas de Moçambique,

Meu companheiro Paulo Tigre, vice-presidente da Confederação
Nacional da Indústria do Brasil.

Senhoras e senhores ministros de Estado do Brasil e de Moçambique,
Senhores e senhoras empresários do Brasil e de Moçambique,
Meus amigos e minhas amigas,

Com grande satisfação retorno a Maputo. Nesta minha segunda viagem
a Moçambique, encontro um país em grande transformação, que progride
graças ao trabalho incansável de seu povo e à gestão responsável de suas
riquezas naturais. A economia moçambicana cresce à taxa invejável de 7% ao
ano. São muitas as possibilidades de negócios para nossos dois países.
Agradeço a todos os que aceitaram integrar a missão empresarial brasileira
para conversar com seus pares e com as autoridades locais.

O clima de profunda incerteza que marca o ambiente econômico e
financeiro internacional me deixa mais convencido de que a diversificação de
parcerias, neste momento, é fundamental. Ao ampliarmos o leque de mercados
e sócios para comércio e investimentos, reduzimos o impacto, sobre nossas
economias, das crises nos países industrializados. Os países em
desenvolvimento que apostaram num único mercado são os que mais vêm
perdendo neste momento de crise de confiança e de diminuição de crédito e do
consumo.



O Brasil está bem situado para enfrentar a conjuntura. Isso não significa que estejamos complacentes. Estamos tomando medidas para preservar as conquistas econômicas e sociais da população nos últimos anos. Seguiremos apoiando, com créditos e financiamentos, nossos empresários, para que possam expandir suas atividades no Brasil e em países amigos como Moçambique.

Meus caros amigos,

Em minhas nove viagens à África, fiz sempre questão de ser acompanhado por empresários. O acerto dessa decisão já se traduz em números. O comércio com a África praticamente quadruplicou desde 2002. Chegamos próximo dos US\$ 20 bilhões. A África já responde por quase 8% do comércio exterior brasileiro. Em 2002, era pouco mais de 4%. Melhoramos também a qualidade de nossas trocas. Produtos tradicionais – açúcar, minérios, ferro e veículos – dividem agora espaço com aeronaves, móveis e químicos. Se fosse um só país, a África seria nosso quarto maior parceiro comercial, após Estados Unidos, Argentina e China.

Mas ainda enfrentamos um desafio fundamental com vários de nossos sócios africanos, entre os quais Moçambique, que é o desequilíbrio na balança comercial. Sabemos que um intercâmbio crescentemente deficitário não é justo nem sustentável. Precisamos redobrar esforços e buscar identificar maneiras de aumentar as vendas de produtos moçambicanos para o Brasil. Outro caminho que devemos seguir é o de aumentar os investimentos brasileiros aqui, o que também gera empregos e renda para o povo de Moçambique.

Moçambique é hoje um importante pólo de atração de investimentos. Muito em breve, a produção mineral e energética moçambicana será fator determinante de projeção externa da África Austral. Algumas das nossas principais empresas estão em atividade neste país.

O projeto da Vale para a extração de carvão de Moatize pode se transformar no maior investimento estrangeiro da história de Moçambique.



Poderá ser o catalisador de uma nova dinâmica econômica entre nossos países. O êxito de um empreendimento dessa envergadura certamente atrairá outros investimentos brasileiros, reforçará e equilibrará os fluxos comerciais. Com a ajuda dos governos, as empresas envolvidas na montagem de toda a operação saberão chegar, no curto prazo, a acordos para aproveitar todo o potencial do projeto.

A Odebrecht já iniciou o projeto de reassentamento das famílias que moram na área de reserva de carvão de Moatize. São obras que vão empregar cerca de 1.200 trabalhadores da região.

A participação da Camargo Corrêa no projeto hidrelétrico coloca o empresariado brasileiro na linha de frente da geração de energia na África Austral. E sabemos bem que a energia é elemento fundamental para qualquer processo de crescimento econômico sustentado.

A Petrobras também está fazendo sua parte no desenvolvimento energético deste país. Participa em bloco no Delta do Zambeze, e vai apresentar proposta para outros blocos, e a empresa cogita novos negócios.

Mas a presença brasileira ainda me parece acanhada perto do potencial deste país. Quero desafiar os empresários a criar outras parcerias produtivas e a aumentar a presença brasileira em Moçambique.

Penso, por exemplo, nas amplas oportunidades no setor de biocombustíveis, que é prioritário para o governo do presidente Guebuza. Já temos memorandos de cooperação entre nossos governos e entre a Petrobras e a Empresa Nacional de Hidrocarbonetos de Moçambique. Empresas brasileiras estão prestando consultoria na área do etanol.

Para que isso se materialize, é fundamental uma associação mais intensa entre os agentes econômicos do Brasil e de Moçambique. Minha presença aqui sublinha o caráter estratégico e indissolúvel que nossos governos estão determinados a imprimir nessa parceria bilateral.



Hoje propus ao presidente Guebuza a criação de um grupo de trabalho bilateral para encontrar formas inovadoras de estímulo a novos investimentos e ao aumento das trocas comerciais. Isso inclui pensar em novas modalidades de financiar uma presença robusta de nossas empresas em setores prioritários do desenvolvimento moçambicano, como os da energia e da mineração.

Meus amigos e minhas amigas,

Não haverá incremento da parceria econômica sem um comprometimento decisivo dos empresários de ambos os lados. Ousadia e criatividade são indispensáveis. Aos empreendedores brasileiros, repito o que sempre digo quando venho à África: olhem ao redor, vejam como esta terra progride a passos largos, vejam as oportunidades, que são muitas, e tenham a ambição de atuar num mercado novo.

Moçambique é um país que se moderniza, que precisa de escolas, de hospitais, de casas populares, mas que também necessita de estradas, de ferrovias e de hidrelétricas. Moçambique é um país que, como o Brasil, quer dar a seus cidadãos empregos e renda, melhores condições de consumo e qualidade de vida.

Quero também trazer uma mensagem aos homens e às mulheres de negócios de Moçambique. Dizer-lhes que o Brasil está aqui para desenvolver uma parceria mutuamente benéfica. Queremos ajudar no que for possível. Contribuir para que este país disponha, cada vez mais, de seus próprios instrumentos para crescer e prosperar com justiça social e mais igualdade.

Nossa parceria vai além do comércio e dos investimentos. Apostamos muito na cooperação, na formação de quadros e de vocações, na transmissão de conhecimentos e experiências. E isso inclui áreas tão diversas quanto a agricultura e a gestão governamental, passando pelos esportes e pela cooperação audiovisual.



O Brasil financiará, por meio de uma doação, a instalação e início de funcionamento de uma fábrica de medicamentos anti-retrovirais em Moçambique, que colocará este país na vanguarda deste setor na África.

Vamos ajudar a suprir a fábrica de equipamentos e de insumos. Mas não vamos parar por aí. Nosso objetivo é apoiar o governo moçambicano a desenvolver capacidade autônoma de produção de medicamentos para as doenças que mais afetam sua população, diminuindo a dependência externa e ajudando a formar uma mão-de-obra altamente qualificada. Esse é o tipo de projeto no qual o Brasil está interessado, uma iniciativa mutuamente benéfica.

Meus amigos e minhas amigas,

Todos sabemos os pontos de contato históricos entre Moçambique e Brasil. Nossas semelhanças ajudam a compartilhar experiências e facilitam os contatos. Temos um verdadeiro patrimônio de amizade e de simpatia que facilita nossas relações. Mas esse patrimônio precisa ser enriquecido. Só continuará válido se soubermos aproveitá-lo em toda sua extensão.

Estou certo de que os senhores estarão à altura desse desafio. A realização deste seminário é prova de que estamos no bom caminho. Que governo e empresários saberão trabalhar juntos para aprofundar ainda mais as excelentes relações entre Brasil e Moçambique. Que saberão aproveitar todo o potencial que têm à sua frente. Por isso, antes de desejar bons negócios a vocês, eu (inaudível) que falar um pouco. Primeiro, com os empresários brasileiros. Todos nós estamos acompanhando diuturnamente a crise que começou com o *subprime* e que hoje se transformou numa crise de responsabilidade inigualável do sistema financeiro, sobretudo nos países ricos.

Preciso não chamar atenção para alguns passos que acho que nós apenas estamos aprendendo a dar. Quando em 2003, no Brasil, nós tomamos a decisão de que era preciso trabalhar para mudar a geografia comercial do mundo, de que era preciso diversificar as relações comerciais do Brasil e começamos a viajar para a África, começamos a viajar muito para a América



do Sul e para a América Latina, começamos a viajar para o Oriente Médio e para o mundo asiático, não foram poucos os que escreveram que nós éramos loucos. Não foram poucos os que insinuaram “o que o Lula está fazendo na África se quem tem dinheiro são os Estados Unidos e a Europa?”, “o que o Lula está fazendo na Índia, ou na China, se o importante é fazer investimento no Japão?”.

Era apenas uma questão de consenso, de coisas que nem sempre a gente consegue aprender somente na universidade ou somente no trabalho da gente. A gente aprende quase como forma de sobrevivência. O Brasil é um país que tem, em várias atividades, condições de competir com os países mais desenvolvidos do mundo. Em outras ainda não, mas em algumas o Brasil não deve nada a ninguém.

Acontece que historicamente, presidente Guebuza, os dirigentes brasileiros, embora a independência tenha sido conquistada no dia 7 de setembro de 1822, a verdade é que a cabeça da elite dirigente brasileira ainda estava colonizada. Não subordinada mais à orientação da Coroa portuguesa, mas subordinada à orientação econômica e a interesses eminentemente ligados aos chamados países desenvolvidos, sobretudo Estados Unidos e Europa.

Há dez anos, o comércio do Brasil com os Estados Unidos era de 26%, 27%. Nesse período, embora a nossa relação comercial tenha crescido uma média de 20% ao ano, hoje os Estados Unidos representam para nós apenas 15%. Entretanto, nós saímos, na África, de menos de 5 bilhões para 20 bilhões no mesmo período. Nós saímos, na Argentina, de um fluxo comercial de US\$ 9 bilhões, em 2003, para mais de US\$ 30 bilhões agora em 2008. Nós tínhamos pouco mais de US\$ 400 milhões com a Venezuela, hoje nós temos mais de US\$ 5 bilhões. Hoje a América Latina é o maior parceiro comercial do Brasil.

Por que eu estou dizendo isso para vocês? Alguém poderia dizer “este Lula é louco, ele está dizendo para a gente não fazer negócio com os Estados



Unidos, ou com a União Européia”. Pelo contrário, eu quero que a gente faça muito mais, e que faça cada vez mais. Mas é preciso saber que é exatamente nesses países que a possibilidade de colocarmos nossos produtos é mais difícil do que estabelecermos as parcerias com outros países que tenham a mesma similaridade tecnológica, renda per capita e comércio que tem no Brasil. Por isso é que a diversificação é uma garantia para que quando determinado mercado entrar em crise, a gente não fique sufocado porque o nosso principal parceiro está em crise. É preciso que a gente procure outros parceiros para que a gente sofra menos e para que a gente possa não apenas ser ajudado, mas ajudar. Que numa política diversificada a gente possa continuar comprando e vendendo, independentemente da crise em que um ou outro país tenha conseguido ser vítima.

Vamos pegar um exemplo muito didático, para a gente aprender o que está acontecendo no mundo. É (inaudível) que possivelmente nem os grandes economistas do mundo ainda saibam o total da gravidade do que está acontecendo.

A crise russa ficou num rombo de aproximadamente US\$ 40 bilhões, o chamado mercado financeiro. A crise asiática representou por volta de US\$ 70 bilhões de rombo no mercado financeiro. E a crise mexicana também por volta de 70 bilhões. Então, três crises, em três países diferentes, em três continentes praticamente, geraram menos de US\$ 200 bilhões de rombo no mercado financeiro. No caso do Brasil, Guebuza, quebramos três vezes por causa dessas crises.

Veja uma coisa, a crise de agora: se nós pegarmos US\$ 1 trilhão que o Gordon Brown anunciou que vai colocar para proteger os correntistas ingleses; se pegarmos os US\$ 850 bilhões que o Bush colocou, mas ainda não regulamentou, que vão resolver o problema dos correntistas americanos; se pegarmos o dinheiro que os países que compõem o euro já colocaram no último final de semana, nós vamos chegar a US\$ 3 trilhões já envolvidos nessa



crise. E ela certamente ainda não chegou fortemente a Moçambique, certamente ela não chegou fortemente ao Brasil.

Nós temos problemas de liquidez, porque os trilhões de dólares que sobrevoavam de continente para continente, sem gerar um posto de trabalho, eram papéis trocados de mão em mão, apenas alguns poucos (inaudível), esse dinheiro está guardado embaixo do colchão de alguém. Não está no mercado de Moçambique, não está no mercado brasileiro e, pelo que sei, não está no mercado americano e, muito menos, no mercado europeu, porque lá também está com problema de liquidez. Quem sabe está tudo nas Ilhas Caimã. Na Suíça também não está, porque os bancos suíços estão quebrando.

Então, pasmem, a irresponsabilidade dos países ricos, que na década de 80 e na década de 90 passaram todo o tempo nos ensinando como administrar os nossos países e não estavam sequer administrando corretamente os seus países.

Cadê a solidez da economia americana? Cadê o infalível Banco Central americano? Cadê o infalível FMI? Cadê o infalível Banco Mundial? Cadê o infalível Banco Central europeu? Será que eles não sabiam que o seu sistema financeiro estava envolvido na maior agiotagem financeira que o mundo conheceu? Será que eles não sabiam? Porque o *subprime*... Eu me lembro o dia, a primeira vez que falei de *subprime* foi em setembro do ano passado, um ano e um mês sem que eles tivessem tomado uma única decisão.

Ora, as decisões dos bancos centrais em Basileia só serviam para nós, só serviam para os países pobres e para os países em desenvolvimento. Para os países ricos, eles não cumpriam. E eles permitiam que um simples banco de investimento, que portanto nem arrecadava dinheiro, não tinha correntista, pudesse alavancar um financiamento de 35 vezes o seu patrimônio líquido. Enquanto nós, no Brasil, não permitimos a alavancagem de mais de 10 vezes, e ainda é muito.



A verdade é que se nós formos a uma loja comprar comida para comer, fiado, quem vai vender para a gente não vai vender com prestação que a gente só possa pagar a cada dez meses. Tem que pagar todo mês, porque ela tem que ser compatível com os recursos de que as pessoas dispõem. E nós, agora, que fomos castigados durante este (inaudível)... aqui em Moçambique, certamente muito, no Brasil, muito – por dizerem que éramos socialistas, somos castigados historicamente. Estamos vendo agora os privatistas dos lucros querendo privatizar os prejuízos do sistema financeiro com os países pobres, querendo socializar.

Eu fico feliz quando vejo um homem que eu respeito profundamente, um homem sério como o primeiro-ministro Gordon Brown, dizer: “Eu não vou dar dinheiro para banco. Eu vou comprar as ações do banco. Eu vou ser sócio desse banco”. Já estou vendo até o Bush dizer também. Eu acho isso extraordinário porque nós aprendemos uma outra lição. Uma outra lição que eu espero que seja definitiva para o Conselho de Washington, que estabeleceu nos anos 80 e 90 que o Estado deveria ser abolido e que o mercado iria resolver todos os problemas. O que aconteceu na crise? Sabe o que me lembra? Os nossos filhos na adolescência. Nossos filhos são maravilhosos, eles, aos 18, 19 anos, não querem nem sentar para conversar com os pais porque são totalmente independentes, nós somos caretas, não compreendemos o mundo novo, o mundo moderno, e eles saem. A gente pede: “meu filho, não saia à noite”. “Eu saio. Você não sabe de nada. Eu vou sair”. Parece que nunca precisam dos pais. Precisam do pai quando? Quando casam, que têm um filho, querem sair à noite e querem deixar o filho com os velhos. Aí os pais voltam a ter valor. Gostam dos pais quando estão doentes. Ah, se tiverem uma febrezinha ou uma dor de barriga, a mãe passa a ser um xodó outra vez, ou se quiserem sair e não tiverem dinheiro.

O que aconteceu com os bancos é a mesma coisa. O Estado passou a valer. Todo mundo dizia: “Pelo amor de Deus, o Estado tem que intervir. O



Estado precisa ajudar. O Estado não pode ficar omissos”. O Estado, que foi negligenciado durante décadas e décadas. O Brasil é um dos poucos países do mundo, hoje, em que nós ainda não estamos querendo ficar sócios dos bancos. Não só porque o sistema financeiro brasileiro não está envolvido no *subprime*, mas porque nós já somos sócios de dois bancos importantes e dono de um muito importante que é o BCS, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal.

Eu queria dizer essas palavras, companheiro Guebuza, porque está na hora de nós compreendermos, todos nós do chamado Sul, do chamado grupo de países pobres ou emergentes, está na hora de a gente estabelecer uma nova lógica econômica e comercial no mundo. Nós não podemos mais seguir esse padrão (inaudível). Por exemplo, no mês passado, o Brasil começou a negociar com a Argentina em moeda brasileira e argentina. Por que todos nós devemos estar subordinados ao dólar para poder negociar? Por que os nossos Bancos Centrais, nossos ministros da Fazenda não se juntam e estabelecem uma outra lógica de comercialização? Eu tenho dito para os empresários brasileiros, de forma muito carinhosa, que se a gente quiser vender, construir novas fábricas e produzir, olhem para o Continente Africano. Ali tem oportunidade, tem muita coisa para fazer, é só olhar o mapa. Olha quem está perto de Moçambique, além de Moçambique mesmo, olha quem está perto. Tem países extraordinários com quem o Brasil tem relação, e parte das coisas pode ser produzida aqui. Vocês não imaginam o orgulho que eu tive de chegar a Nova Delhi e ver aqueles ônibus Marcopolo desfilando nas ruas. Por que tem que ser ônibus inglês ou americano e não brasileiro? Eu acho que o momento de crise é um momento de apreensão. Nós estamos olhando com lupa. Eu nunca conversei tanto com o ministro da Fazenda e com o Banco Central como eu tenho conversado nos últimos 30 dias, porque não quero que o Brasil seja pego de “calça curta”, porque não quero jogar fora o patrimônio de



responsabilidade que nós acumulamos nos últimos anos. E isso me provoca a chamar os nossos empresários a construir novas parcerias.

Moçambique tem um potencial extraordinário. Imaginem vocês a hora que a Vale do Rio Doce começar a explorar o carvão aqui, imaginem a hora que as outras empresas fizerem as hidrelétricas que precisam ser feitas aqui, imaginem a hora que fizerem as ferrovias aqui, imaginem o potencial agrícola e comercial que vai surgir neste país.

Agora, nós precisamos vencer um obstáculo, Guebuza, porque muitas vezes as dificuldades não são só de quem quer emprestar, são de quem quer tomar emprestado. Porque todos nós, às vezes, dificultamos as coisas. Não nós, a legislação, as implicações, então tem muitos obstáculos. Às vezes, nós somos capazes de sonhar com uma obra, terminar o mandato e não fazê-la.

No Brasil – os empresários conhecem – um presidente da República que quiser fazer uma hidrelétrica de 3 mil megawatts, precisa de dois mandatos, porque em um você toma a decisão, vai atrás do licenciamento, conquista, depois do licenciamento você vai para a licitação, faz a licitação. Aí o empresário que perde entra com uma ação contra o que ganhou, e é mais um ano. Quando está tudo pronto, o Ministério Público acha uma outra ação, que é mais um ano. Quando está tudo resolvido, o Tribunal de Contas entra com outra ação, é mais um ano. E aí acabou o mandato, você não fez nada. Não sei se aqui é assim. No Brasil é.

Pois bem, eu acho, companheiros empresários de Moçambique e do Brasil, companheiros do governo, essa idéia de criar grupos de trabalho de empresários, grupos de trabalho com empresários de verdade, empresários que sabem o que é produzir, que sabem o que é dificuldade mas sabem o que é vencer, empresários que já foram ao banco fazer financiamento, empresários que já correram atrás do BNDES do Brasil e sabem o quanto era difícil... está mais fácil agora, e tem mais dinheiro. Nós temos que construir grupos de trabalho liderados pelos nossos ministros, de cada área específica, para que a



gente possa mensalmente estar cobrando: o que está acontecendo? Por que não saiu? Onde é que está a dificuldade? Se é no Congresso Nacional, vamos ao Congresso pedir para aprovar. Se é em outra área qualquer, vamos trabalhar, porque o tempo urge e nós precisamos ser mais rápidos. Precisamos ser mais rápidos porque o mundo precisa, sobretudo nesse momento em que o mundo rico parece que definitivamente vai entrar em recessão, é preciso que o mundo emergente seja a resposta positiva que os ricos não estão conseguindo ser.

Imaginem o que seria do mundo se não fosse, hoje, os países estarem crescendo, como o Brasil, em 5%, 7% em Moçambique, 7% a Argentina, 7% a Venezuela, 7% a Índia, 10% a China. Imaginem se não fossem os emergentes, a periferia da economia mundial, que está salvando o centro nervoso do capitalismo.

Então, eu queria que nós saíssemos daqui... A Vale do Rio Doce, pelo amor de Deus, vamos começar a tirar logo minério. Não é possível! Eu vim aqui a primeira vez com o Chissano, fiquei alegre, feliz da vida... o Brasil vai fazer um grande investimento em bilhões (inaudível). Hoje eu vim pensando que ia inaugurar, mas ainda falta fazer coisa, tem mais papel para assinar, tem mais coisa. Pelo amor de Deus, o tempo não nos perdoará, porque Deus dá a oportunidade uma vez, dá a segunda vez, na terceira vez Ele diz: "Ah, você é burro, me desculpe, mas não vai ter mais". Então, vamos aproveitar. Aquilo que for falha do Brasil, vamos tentar corrigir o mais rápido possível, porque nós não temos tempo a perder. E nesse momento em que o mundo desenvolvido está com problema, podem crer: nós poderemos ser a solução para os problemas do desenvolvimento do mundo. Temos condições para isso.

Lá no Brasil, quero dizer que não vou parar uma obra que estamos fazendo. O PAC não perderá um centavo por conta dessa crise. As obras da Petrobras vão ser todas feitas, as ferrovias vão ser feitas, porque eu acho que nós temos que nos desafiar.



Sabem como é que eu acho que nós, homens, governos e empresários, precisamos ser? Como mulheres. Vocês já perceberam que um homem... E olha, meu caro Guebuza, que não sou candidato aqui, hein?

Vamos ver o seguinte: o homem, que parece o ser forte do mundo, quando tem uma febrezinha, uma gripe, o bicho vai logo para a cama, fica amuado, não pode trabalhar, geme o tempo inteiro. Já viram uma mulher deixar de cuidar dos seus filhos por causa de uma gripe? Duvido que uma mulher deixe de fazer as coisas que tem que fazer, preparar não sei quantos filhos para ir para a escola, fazer a comida para dez, 11 filhos, e aturar o marido quando chega do trabalho. Não há crise que derrube uma mulher. O homem é derrubado com facilidade.

Quando eu dei o exemplo da mulher, é porque nesse momento de crise, em vez de a gente ficar preocupado, temos que ser ousados, temos que fazer aquilo que a gente não teve coragem de fazer antes. Contra a crise, nós precisamos ter consciência de que é preciso fortalecer o mercado interno de cada país, produzir o que a gente não está produzindo ainda, aumentar a capacidade produtiva, porque senão a gente quebra junto, sem ter nenhuma responsabilidade.

Eu penso que esse encontro aqui, meu querido companheiro Guebuza, é um bom sinal. Ver 40 empresários do Brasil aqui é um melhor sinal ainda, porque na primeira viagem que fiz para Angola era difícil convencer um empresário... Não é só empresário, não, até ministro não gosta de viajar para a África. Ofereça uma reunião de empresários em Londres, ofereça em Paris, mas ofereça aqui, em Maputo. Graças a Deus, obrigado a vocês, (inaudível), como eu, estamos todos virando africanos, estamos todos voltados para as oportunidades (inaudível).

Portanto quero agradecer, Tigre, essa sua ajuda aqui com esse grupo de empresários, e dizer para vocês que há um mercado extraordinário. Nós só precisamos juntos, agora, convencer as empresas de aviação brasileira a



fazerem vôos para Moçambique, para Maputo. E podem passar em Angola, (inaudível) vamos passar na África do Sul, voltar para Angola, ninguém precisa vir direto a toda hora, só chique é que gosta de vir direto, pobre pode dar uma paradinha, respirar. Sobretudo o empresário que está fazendo negócio, ele pode (inaudível) para respirar, contar até dez antes de fazer a proposta que tem que fazer.

Então, eu acho que esse é um desafio que vocês, empresários, podem nos ajudar – pegar as empresas de aviação no Brasil e falar o seguinte: “Olha, não tem mais sentido a gente ser proibido de fazer negócio em Maputo porque não tem avião toda hora”. E se tiver avião, com pouco tempo, nós teremos passageiros daqui para lá e de lá para cá, eu diria, com o vôo lotado.

Portanto, meu querido companheiro Guebuza, eu acho que esse é um dia histórico na relação Moçambique-Brasil. Na última vez que vim aqui, eu dizia ao seu ministro da Saúde que esteve me acompanhando, que a gente sente a melhora da cidade de Maputo, a gente percebe que a cidade está ganhando corpo, está ganhando densidade. Isso só é possível porque os governos foram responsáveis, foram sérios e conseguiram reaplicar o pouco que o país é capaz de produzir.

Acho que esta cidade está mostrando a cara de um país que em pouco tempo fez mais do que o pouco tempo em que ele foi colonizado. Demonstra que liberdade não faz mal. Liberdade faz bem, sobretudo quando ela é tratada com muita responsabilidade.

E é essa liberdade que Moçambique conquistou e que está traduzindo em riqueza para o povo de Moçambique. Eu quero que os empresários brasileiros ganhem dinheiro aqui, mas gerem empregos, gerem renda, e exportem para novos mercados, porque uma empresa brasileira multinacional tem uma bandeira do Brasil fincada no território do planeta Terra.

Muito obrigado e boa sorte.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
